

Quando não nos resta mais dignidade: um olhar sobre *Eu, Daniel Blake*

Carla Regina Mota Alonso Diéguez¹

Tarde de domingo chuvosa. Resolvi ir ao cinema e assistir a comentada obra de Ken Loach, *Eu, Daniel Blake* (2016). Sentei e o cinema escureceu. Começava o filme.

Tela em negro. Ao fundo, a voz da profissional de saúde. Ela faz perguntas triviais a Daniel Blake. As perguntas objetivam a concessão do Auxílio Financeiro ao Trabalhador, o nosso conhecido auxílio-doença. Com questões sobre levantar o braço, andar 50 metros, colocar uma camisa, a profissional de saúde – que não se intitula médica ou enfermeira – verifica se Daniel Blake, que retornava da recuperação de um infarto, pode receber o auxílio ou deve retornar ao trabalho. Esse diálogo dá início ao filme, que conta a trajetória de Daniel Blake, carpinteiro recém-saído da recuperação de um infarto, que busca receber seu auxílio-doença, para que não precise retornar ao trabalho, recomendação feita pelos seus médicos. A peregrinação de Daniel Blake pelo auxílio o coloca em contato com Katie, mãe de duas crianças, que cuida delas sozinhas, ao mesmo tempo em que busca um emprego ou um seguro que lhe permita dar a mínima sobrevivência aos seus filhos.

A partir da história desses dois personagens, que se cruzam quase por acaso, Ken Loach coloca em discussão a vida após a ascensão do neoliberalismo na Inglaterra, sua expansão para os países capitalistas ocidentais e a constituição de

¹ Carla Regina Mota Alonso Diéguez é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Docente e pesquisadora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. É pesquisadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos e do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP) da PUC-SP.

um Estado ineficiente para quem mais precisa dele, os pobres. O fim do Estado de bem estar social, o desemprego, os empregos flexíveis, a terceirização dos serviços sociais básicos são apresentadas por Loach através da luta de Blake e Kate para ter acesso a uma vida digna.

Em busca de “empregos que não existem”, lidando com uma burocracia que corrói o tempo e o caráter de quem atende as centenas de pessoas que recorrem diariamente aos serviços sociais (SENNETT, 2005), Daniel Blake expõe a fissura das sociedades capitalistas ocidentais, em especial as europeias.

Com seu Auxílio Financeiro ao Trabalhador negado, ele discute com os profissionais do Serviço Social, busca por empregos para ter acesso ao seguro desemprego e ajuda Katie a cuidar dos filhos, buscando ao seu lado também sustentar um pouco da fé que eles ainda têm na humanidade.

Em uma das cenas mais marcantes do filme, sem comer há dias, na fila pela cesta básica, Kate abre uma lata de molho de tomate e a bebe, em prantos. Blake a ampara e nos dá um alento, de que pode haver solidariedade mesmo em um mundo de valores corroídos.

A cena, que expõe a realidade da fome, também nos leva a refletir sobre a carga a qual muitas mulheres são colocadas constantemente. Katie se vê colocando os filhos em primeiro lugar na hora da alimentação, buscando por trabalhos que sejam compatíveis com os horários das escolas e mesmo furtando objetos em minimercados. Tal como muitas mulheres, Katie enfrenta a dura escolha: como conciliar o trabalho e a vida familiar? Como garantir a sobrevivência em mundo que não foi feito para as mulheres mães? E como fazer isso quando a única pessoa que se tem é a si própria? A saída de Kate parece trivial, mas é a escolhida por muitas em uma sociedade no qual ser mãe e trabalhadora é incompatível.

A frase de Daniel Blake então ressoa no cinema, mudo diante do soco no estômago dado por Loach: “Quando a gente perde a dignidade, acabou tudo”.

Esse é o espírito do filme. Loach nos leva a refletir sobre o quanto ainda há de dignidade em nós. Encontramos Daniel Blake diariamente quando buscamos empregos que não existem; quando nos submetemos àqueles que possuem jornadas de trabalho extensas e salários cada vez menores; quando vemos as filas pelos auxílios-doenças crescerem com pessoas tomadas por doenças psíquicas, geradas pelos estresses dos tempos intensos de trabalho; quando nos sujeitamos aos cursos de qualificação em troca do seguro desemprego.

Katie então nos lembra na cena final: Daniel Blake é antes de tudo um cidadão. Sua busca é apenas por dignidade, por ser atendido por um Estado que deveria atender aos seus cidadãos e visar, em primeiro lugar, o bem público. Mas o que é o bem público em um Estado cada vez mais privatizado?

Saí da sala de cinema com essa pergunta na cabeça, um nó na garganta e os olhos repletos de lágrimas.

Referências

LOACH, Ken. *Eu, Daniel Blake*. Inglaterra, 2016.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.